

## MÚSICA E CULTURA NEGRA NAS CRÔNICAS DE MÁRIO DE ANDRADE DO LIVRO “MÚSICA E JORNALISMO” (1933 – 1935)

Laiane Fernandes Jeronimo UFG/Catalão -  
[laianeferj@hotmail.com](mailto:laianeferj@hotmail.com)

Profª Drª Regma Maria dos Santos UFG/Catalão -  
[regma.santos@gmail.com](mailto:regma.santos@gmail.com)

Palavras – chave: Mário de Andrade – Música – Cultura Negra – Crônicas - História

### INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo é apresentar os resultados do PIBIC 2010/2011, intitulado *Jornalismo e Literatura: entre a Memória e a História*, sob a orientação da Profª Drª Regma Maria dos Santos. Este projeto caracteriza-se pela tentativa de se estabelecer uma relação em jornalismo, literatura e história, através das crônicas de Mário de Andrade reunidas no livro *Música e Jornalismo*, organizado por Paulo Castagna e publicado pela Hucitec/Edusp em 1993, de acordo com Bollos (2006, p.122)

Música e Jornalismo é uma seleção de 163 textos em torno de críticas de concertos, intérpretes e conferências publicadas no jornal Diário de S. Paulo entre 1933 e 1935, época em que Mário de Andrade colaborou nesse jornal na coluna Música como crítico de arte, responsabilizando-se pelo envio de resenhas escritas logo após os concertos para serem publicadas no dia seguinte.

Nosso objetivo foi, a partir das crônicas de Mário de Andrade, compreendemos como a cultura negra aparece como tema de suas crônicas, especialmente quando trata das músicas de Congos. Seleccionamos para esta pesquisa as seguintes crônicas: *Maracatu de Chico - Rei; Kitty Boenheim; Por que Congos?; Música Pernambucana; Lourenço Fernandez; Ernesto Nazaré; Os Congos I; Os Congos II; Os Congos III; Os Congos IV (conclusão)*.

Nosso principal objetivo nesse estudo foi ampliar as reflexões sobre a produção do cronista Mário de Andrade que foi um importante pensador e colaborador da música popular brasileira.

## A crônica como fonte

Como a fonte de nosso estudo são as crônicas julgamos necessário discutir um pouco sobre esse gênero literário. Santos (2005) ressalta a importância de entender a crônica como um *texto cultural*. De acordo com a autora (2005, p.16), o conteúdo das crônicas deve ser analisado como “expressão de uma temática, mas também a própria forma, revelando as especificidades que dialogam com o espaço e com outras formas textuais”

A crônica é um gênero literário que retrata o período em que está inserida, revela também, sua principal característica, a interpretação do narrador sobre um determinado assunto e, de acordo com Cavalcante (2009, p.09) o termo crônica é usado “[...] para designar um texto jornalístico, que aborda os mais diversos assuntos.” O cronista é, portanto, um observador de seu próprio tempo, que comenta brevemente algum acontecimento. De acordo com Neves (apud Schneider. 1992, p.76) a crônica pode ser encarada como

[...] ‘documento’ na medida em que se constitui como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um ‘tempo social’ vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações. ‘Documento’, portanto, porque se apresenta como um dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. ‘Documento’, nesse sentido, porque imagem de nova ordem. ‘Documento’, finalmente, porque ‘monumento’ de um tempo social [...].

Nesse contexto, entendemos a crônica como uma ferramenta importante para retratar o momento no qual está inserida, ou seja, resgatar através de seu gênero, algumas características do tempo em que foi criada. A linguagem utilizada nas crônicas é acessível de modo que o leitor possa compreender as idéias do autor, nesse sentido, de acordo com Santos (2005, p.138) “[...] a crônica é um dos espaços de maior aproximação entre o autor e o leitor no espaço do jornal.” Dessa forma, como reforça Schneider (n.d, 04) “A crônica enquanto gênero jornalístico apresenta especificidades, principalmente em se tratando de sua versão moderna. A crônica é um texto breve, para leitura rápida, entre um gole de café e outro, entre uma notícia e outra.”

As crônicas também são consideradas um gênero jornalístico, pois são, por excelência textos destinados à publicação nos jornais, portanto, fizemos um breve panorama sobre a utilização dos jornais como um meio de informação e crítica política e social.

Foi a partir da década de 1970 que, segundo Luca (2006, p.118) “[...] ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se *objeto* da pesquisa histórica. O jornal passou a ser visto como um lugar que continha expressava uma época, refletia os interesses de uma classe dominante e trazia as opiniões dos autores dos artigos e crônicas publicados nele.

No final do século XIX e início do século XX, o jornal conquistou seu espaço como um meio de informação, e os jornalistas e colaboradores dos periódicos ganharam notoriedade e foram respeitados, uma vez que, de certa forma, eles eram formadores de opinião.

Torna-se importante, então, pensar como os jornais encontram inscritos em suas estruturas de representação, feita por seu editor, das competências de leitura do público ao qual ele os destina, pois o sucesso de um jornal depende de se conseguir ampliar ao máximo os possíveis leitores. Nesse sentido, a obra *Música e Jornalismo* se insere como uma fonte riquíssima para o estudo histórico pois apresenta-nos as representações de uma época, na qual o fotógrafo é Mário de Andrade.

Uma vez que as crônicas e artigos aqui estudados são compreendidas como representação que, segundo Chartier (1991, p. 184) “[...] pressupõe a tradução mental de uma realidade percebida” elas revelam as impressões e percepções de Mário de Andrade. Segue uma trajetória da produção deste autor, uma vez que o entendimento de sua vida e obra é de extrema importância para a compreensão de suas crônicas.

### **Mário de Andrade: Compromisso com a Cultura Popular Brasileira**

No dia 09 de outubro de 1893, em São Paulo – SP nasceu Mário Raul de Moraes Andrade, que foi professor, crítico, poeta, contista, romancista, músico e cronista. Formou-se pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e lecionou neste mesmo lugar. Posteriormente, foi organizador e participante da Semana de Arte Moderna de 1922, sendo leitura indispensável para se entender as faces do Modernismo no Brasil. Nesse sentido, segundo Bollos (2006, p. 121), foi “considerado por muitos

como o ‘Pai da Cultura Brasileira’, ou a figura mais representativa da cultura brasileira da primeira metade do século XX, foi o artista que mais se destacou do grupo modernista que surgiu da Semana de Arte Moderna de 1922.” De acordo com Iglésias (2007, p.13)

O modernismo é o maior movimento que já se verificou no Brasil no sentido de dar balanço do que é a sua realidade, como orientação eminentemente crítica, de modo a substituir o falso e o superado pelo autêntico e atual.

Esse movimento - Modernismo - propunha a renovação da produção artística, a nacionalização das fontes de inspiração dos artistas brasileiros e, sobretudo, pretendia juntar o moderno com o nacional sem abrir mão da tradição, Ávila (2007, p.30) argumenta que:

[...] o movimento desencadeado em 1922 passa a inserir-se não apenas pelo caráter de originalidade de que se revestiu a sua proposta estética, mas igualmente pela maneira, através da qual, repropôs certos elementos de núcleo de nosso processo literário e assimilou elementos tomados às correntes do pensamento criador da época, ou seja, às vanguardas européias.

Os modernistas pretendiam, segundo Contier (2004, p. 69), “romper com o projeto cultural dos homens da *Belle Époque* carioca e paulistana.” Uma das obras que refletem os ideais modernistas é *Macunaíma*, publicada em 1928 por Mário de Andrade. O autor usa a linguagem de forma livre, fazendo uso do coloquialismo, contudo, de acordo com Santos (2005, p. 71), “Mário também criticava o dualismo praticado pelos escritores de romance sertanejo, que colocavam uma escrita na boca dos caboclos e outra engomada e limpinha nos períodos que lhes pertenciam.”

Nos primeiros 30 anos do século XX, a cidade de São Paulo cresceu assustadoramente e em todos os aspectos, vivia em constante mudança, pois, segundo Toni (n.d, p. 9), “como capital do Estado mais rico da Federação era também sua vanguarda cultural”. Podemos, portanto, afirmar que em São Paulo concentrava, além do poder político e econômico, a produção cultural do país Mário de Andrade se insere nesse contexto como *o pai da moderna cultura brasileira*.

Mário de Andrade teve um papel fundamental no despontamento de São Paulo como o pólo cultural brasileiro, pois, o primeiro órgão oficial destinado a coordenar as atividades artísticas, foi criado em São Paulo no ano de 1935 e chamado de *Departamento de Cultura* e teve Mário de Andrade como um de seus idealizadores. Em

31 de maio de 1935, Mário de Andrade começou seus trabalhos como diretor da divisão de *Expansão Cultural*, por isso teve que abandonar suas atividades de professor e, segundo Toni (n.d, 14), “começou a sentir as angústias de um intelectual à frente de um cargo administrativo.” Após três anos de relevante trabalho, Mário de Andrade saiu do *Departamento de Cultura* para trabalhar no Rio de Janeiro, em 1938. Entretanto, segundo Bollos (2006, p. 119), “foi na mídia impressa que parte de sua produção bibliográfica se deu, onde podemos destacar muitos artigos, crônicas e textos de crítica literária e musical.”

Em sua vida e obra, Andrade revela sua preocupação e amor pela arte brasileira, sua obra registra a *militância intelectual* do autor sempre em busca de novos desafios com objetivo de tornar a cultura brasileira mais nacional. A influência de Andrade foi decisiva em todos os setores do pensamento cultural brasileiro. Nesse sentido, Bollos (2006, p. 127) reitera:

Suas contribuições no campo da música, assim como no da literatura, corroboram para que ele seja um dos principais, senão o mais importante, articulador da cultura brasileira na primeira metade do século XX. Sua veia crítica e perspicaz é presente na grande maioria de seus escritos sejam eles resenhas, ensaios, crônicas ou romances.

É notável o amor incondicional de Mário de Andrade pelas artes e seu desejo de tornar a arte brasileira mais nacional e condizente com os preceitos modernistas que tanto defendia, é notável também sua preocupação obsessiva com o contexto cultural brasileiro. Não seria exagero afirmarmos que a produção e a pesquisa de Mário de Andrade contribuíram para que as manifestações artísticas brasileiras valorizassem seus aspectos nacionais inclusive a língua portuguesa brasileira.

O livro *Música e Jornalismo*, obra organizada por Paulo Castagna em 1993, que reúne crônicas escritas por Mário de Andrade e publicadas no *Diário de São Paulo* entre 31 de maio de 1933 e 30 de julho de 1935 traz crônicas e artigos que versam exclusivamente sobre música popular brasileira desde a música erudita à popular.

Durante o período em que esteve à frente de uma das divisões do *Departamento de Cultura*, Mario de Andrade não abandonou totalmente suas atividades paralelas sendo contratado, em 1933, pelo *Diário de São Paulo* para escrever críticas de arte, principalmente musicais. Segundo Castagna (1993, p.15) “Deveria se responsabilizar

pela coluna *Música* em dias de concerto, enviando o texto à redação do jornal logo após o evento, para publicação no número do dia seguinte.”

As primeiras críticas/crônicas apenas informam o leitor a respeito da atuação dos músicos, sem entrar em detalhes do que tange a ordem estética. Contudo, os textos do final do mês de julho de 1933 começam a se tornar mais detalhados, de acordo com Castagna (1993, p.16): “O autor passa a não se deter apenas nos interpretes; revela seus pensamentos sobre os compositores, o valor musical das obras e as implicações sociais e políticas dos repertórios”.

Mario de Andrade revelou, em suas crônicas sobre música, suas impressões e opiniões não só sobre os intérpretes, os compositores e os músicos, mas sobre as influencias políticas e sociais dos repertórios apresentados nos concertos.

### **Mario de Andrade e a Paixão Pela Música**

A música é uma das artes mais democráticas, pois não importa a classe social, cor, raça e credo todos escutam e apreciam essa forma de arte. Nesse sentido, dentro da formulação do projeto de identidade nacional, defendido pelos modernistas, a música tinha um papel determinante, enquanto parte constituinte do patrimônio cultural de um país.

Mário de Andrade, como profundo amante das artes, foi um homem completamente apaixonado por música, sobretudo pela música popular brasileira, percebemos a devoção do autor por essa manifestação artística pela coleção que ele possuía composta de 544 discos, sendo que 161 destes são de música popular brasileira.

Todos os discos colecionados por Mário foram gravados em 78 rotações e, de acordo com Toni (2004, p.13).

A variedade de discos que se dedicam aos registros de músicas erudita, popular urbana e folclórica, discursos e cantos de pássaros; também engloba autores brasileiros e estrangeiros, gravados no Brasil ou não.

O autor tinha o hábito de cobrir as capas dos discos com folhas de cartolina nas quais registrava suas impressões sobre as músicas que ouvia e, como argumenta Tinhorão (2004, p.10)

[...] costumava, desde a virada das décadas de 1920/1930, colocar discos na vitrola de corda todas as manhãs e, enquanto se barbeava, ia ruminando as impressões que logo registraria escrevendo à mão, nas capas de cartolina.

Cumprindo, dessa forma, uma espécie de ritual que marcava o início de seu dia.

Mário de Andrade numerava seus discos e, em seguida, anotava as iniciais da gravadora. Notamos que todos os discos que Mário reuniu pertencem ao período compreendido entre 1927 e 1945, período em que o autor produziu com mais vigor, inclusive neste ínterim Mário de Andrade escreveu os escritos que são objeto deste estudo.

Em 1935, quando estava à frente do Departamento de Cultura, Mário criou uma discoteca e uma coleção de registros da música popular brasileira, tamanha era a preocupação do estudioso com a pesquisa e preservação dessa manifestação artística, como afirma Tinhorão (apud Toni 2004, p.10): “[...] Mário de Andrade acompanhava os lançamentos de discos com ouvido de estudioso de um fenômeno novo, o da criação de produtos sonoros dirigidos ao mercado do lazer urbano.” O autor defendia a nacionalização da música erudita brasileira e, como argumenta Contier (2004, p.01)

Mário de Andrade, em suas críticas sobre música modernista erudita, durante as décadas de 1920, 1930 e início dos anos 1.940, visava construir um discurso sobre identidade cultural fundamentando-se numa idéia de brasilidade e seus possíveis diálogos com algumas técnicas das linguagens contemporâneas européias.

O objetivo de Andrade era tornar, portanto, a música popular brasileira mais nacional, sendo parte constituinte da identidade cultural brasileira, tornando-se símbolo da brasilidade. Como pondera Burnett (2010, p.03) Mário de Andrade

[...] desenvolveu análises marcantes a respeito da música brasileira nem momento paralelo à própria formação de nossa musicalidade, ou, talvez seja mais preciso falar, de nossa estilística musical.

Isto é, o autor teve um papel fundamental no processo de formação da musicalidade nacional, refletindo, ainda de acordo com Burnett (2010, p, 06)

Suas observações, frutos de grande erudição e das viagens que ele apreendeu e organizou país afora, mostram que, desde as origens, nossa música foi alimentada por uma teia de influências de grande complexidade.

Mário de Andrade percebeu a música popular como um documento de identidade do povo, elemento histórico e emocional que merece ser estudado, compreendido e preservado. O autor dedicou grande parte de sua vida e obra ao estudo da música popular brasileira e isso se deve à sua personalidade de intelectual e estudioso dotado de grande cultura. De acordo com Burnett (2010, p.07) Mário de Andrade

[...] tinha como preocupação central a definição de uma música brasileira, que ele gostaria de chamar de definitiva, uma vontade quase sempre movida em nome de um nacionalismo que foi se modificando com o passar do tempo, tornando-se mais brando.

Além de pianista e professor, Mário de Andrade foi um dos primeiros pesquisadores de música do Brasil, tendo escrito muitos livros sobre este tema tais como: *As melodias de Boi e outras peças*, *Ensaio sobre a música brasileira* entre outros, contudo Bollos (2004, p.119) afirma que “[...] foi na mídia impressa que parte de sua produção bibliográfica se deu, onde podemos destacar muitos artigos, crônicas e textos de crítica literária e musical.”

Mário colaborou de maneira significativa em vários jornais com suas críticas sobre música, como no *Diário de São Paulo*, por exemplo, onde ficou encarregado de redigir a coluna *Música* na qual narrava, em forma de crônicas, suas impressões sobre os concertos que ocorriam na sua Paulicéia. Nessas crônicas, Mário de Andrade relatava a atuação dos músicos, o trabalho dos compositores e intérpretes, o valor musical das obras e as implicações sociais e políticas dos repertórios, bem como a reação da platéia aos concertos. Os textos de Mário versavam além da crítica aos concertos, sobre conferências livros e partituras.

Na mídia impressa Mário de Andrade encontrou espaço para externar sua paixão pela música e, como assevera Bollos (2004, p.130) “Seus textos críticos só conseguem ter pertinência porque vêm de um autor que possui um conhecimento musical profundo, e consegue externá-lo em forma de palavras.” Esse conhecimento que Mário possui advém de sua formação no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo como pianista e, posteriormente, como professor e também de sua dedicação ao estudo dos mais variados gêneros musicais.

O autor dava atenção especial à música popular brasileira com raízes africanas, pois Mário de Andrade, em sua busca pela brasilidade do folclore, encontrou na música negra um baluarte, no qual se aliavam aspectos da influência negra e branca. Nesse

sentido, Mário de Andrade criticava a resistência que a sociedade brasileira oferecia à música negra uma vez que atribuía aos negros a maior contribuição rítmica a música do país, como o *samba*, o *maxixe* e o *lundu*. Dessa forma, a música negra deixaria de pertencer a um determinado grupo (negros) e passaria a compor a musicalidade de todo o povo brasileiro.

Mário de Andrade se interessava, sobretudo, pelas músicas tocadas nos terreiros de candomblé e umbanda que eram tocadas com instrumentos de percussão simples e artesanais, mas tinham ritmo, harmonia e melodia que encantavam o estudioso.

### **Música e Cultura Negra nas Crônicas de Mário de Andrade**

O livro *Música e Jornalismo* reúne 163 crônicas que versam sobre música, no entanto, selecionamos 10 crônicas que tratam da música negra, cuja análise é o objetivo desta pesquisa, são elas: *Maracatu de Chico - Rei*; *Kitty Boehm*; *Por que Congos?*; *Música Pernambucana*; *Lourenço Fernandez*; *Ernesto Nazaré*; *Os Congos I*; *Os Congos II*; *Os Congos III*; *Os Congos IV (conclusão)*.

Foram publicadas no *Diário de São Paulo* cinco crônicas tendo os Congos como temática, nos dias 15, 18 e 25 de março, 5 de abril e 8 de maio de 1934, nesses textos Mário de Andrade explica que

Os Congos são um bailado, de origem africana, rememorando costumes e fatos da vida tribal. Na sua manifestação mais primitiva e generalizada, não passam dum simples cortejo real, desfilando com danças cantadas.

Com esse escrito de Mário de Andrade percebemos a preocupação deste com as manifestações populares brasileiras e as modificações sofridas por esses costumes africanos ao chegarem ao país. Os Congos são uma mistura de música, dança e teatro em que os participantes representam reis e rainhas em cortejo, de acordo com Cavalcanti (2004, n.p) “[...] a associação entre música, dança e drama encontrado nessas formas populares parece sugerir solução a um dos problemas críticos da busca estética de Mário de Andrade, o da integração entre arte e vida.” Isso demonstra também o desejo de Mário que as manifestações culturais populares fizessem parte do dia a dia das pessoas, ainda segundo Cavalcanti (2004, n.p) “A integridade dessa forma de expressão comovia Mário de Andrade.”

Em suas crônicas Mário de Andrade revela-se um antropólogo ao traçar o histórico da dança dos Congos, desde suas origens no continente africano até sua expansão no Brasil. O autor afirmou que a tradição da Congada veio dentro dos navios negreiros com o povo africano. Mário (1934, p.158) procurou refletir sobre como essa tradição se dava, desde o tempo do reinado,

A duração das monarquias dos reis de Congos nunca esteve perfeitamente fixa no Brasil. Se muitas vezes o reinado durava o espaço dum ano, isso não foi geral. [...] noutras partes os reis de Congo permaneciam no seu posto por muito tempo e mesmo pela vida inteira.

Até como essa tradição era aliada a religiosidade, exemplificamos esse fato com a Festa do Rosário da cidade de Catalão-GO e outras cidades do interior do Brasil onde os Congos dançam em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Além do catolicismo, como nos revelou Mário (1934, p.162), o bailado dos congos está rodeado cultura feiticista o que remete à anquíssima cultura africana cheia de deus e rituais, de acordo com ele “toda a simbologia das coroas, no bailado dos Congos, é reminiscência provável de costumes místicos tradicionais, que também ocorriam na África.”

Nessas crônicas intituladas *Os Congos*, Mário de Andrade (1934, p.178) teceu uma série de reflexões sobre como os negros procuravam preservar suas tradições mesmo depois de terem saído da Mãe África e vindo para o Novo Mundo. Mário relatou que a Congada remete a um fato que marcou o passado africano,

[...] o que me parece mais inesperado e comovente é que o assunto essencial dos Congos, já convertidos em dança dramática e não mais um simples cortejo real, tem todas as probabilidades de se referir a um fato histórico, passado na África.

Percebemos claramente, ao fazermos a análise dessas crônicas, o quanto Mário de Andrade era preocupado com a manutenção da cultura popular e do folclore, sendo um dos primeiros pesquisadores deste tema no país.

Em *Lourenço Fernandes* (26 de janeiro de 1934), Mário de Andrade escreveu sobre o músico homônimo referindo-se a ele como sendo um artista tipicamente brasileiro. Fernandez tocava, essencialmente, músicas brasileiras com raízes africanas, representando o país, muitas vezes, no exterior. Mário de Andrade (1993, p.127) reiterou que

Lourenço Fernandez é, no momento, uma das figuras mais altas da música brasileira. [...] ele representa, mais que os outros, o lado conhecimento técnico, o lado por assim dizer 'acadêmico', desde que se atire desta palavra a significação odiosa.

O cronista (1993, p.127) elogiou a postura de Fernandez em relação à técnica, escrevendo que

[...] Lourenço Fernandes, muito embora usando as conquistas da técnica musical do nosso tempo, se compraz em adaptá-las com segurança, onde elas sejam duma lógica imprescindível, como que indispensáveis. [...] Assim, suas obras se apresentam sempre dentro duma extrema garantia de técnica, desprezando o imprevisto.

Na crônica *Ernesto Nazaré* (11 de fevereiro de 1934), o autor escreveu sobre o compositor brasileiro Ernesto Nazaré, repercutindo a notícia da morte do músico, de acordo com Mário de Andrade (1993, p.134) "Ernesto Nazaré foi um compositor admirável. Nacionalmente falando, ele está entre os maiores que tivemos [...] Ora, Ernesto Nazaré é o mais típico representante do maxixe." Nazaré dedicou-se a composição de músicas inspiradas nos batuques africanos tocados pelos negros nas senzalas e nos rituais de Candomblé, sobretudo o maxixe.

Mário de Andrade (1993, p.134) deixou claro nesta crônica sua relação de proximidade com o compositor, como explicita nesse trecho

O próprio Nazaré discutiu comigo, uma feita, por eu nomear de 'maxixes' as composições dele, me afirmando que não, que não eram 'maxixes' mas 'tangos', e que estes não eram tão 'baixos' como aqueles. E sob certo ponto de vista ele tinha razão.

Esta crônica revela a crítica que Mário de Andrade (1997, p.135) a intervenção branca no maxixe, argumentando que

No maxixe, a gente percebe o grotesco do branco europeu querendo se adaptar ao negro. Daí a sua aspereza, a sua rítmica sem desenvoltura angular, dura, muito nítida demais. Daí a sua crueza psicológica, sem delicadeza nenhuma, duma claridade melódica excessiva; e em geral aquela alegria gargalhante, que nem o tango antigo, nem o samba de hoje têm. Evolução curiosa essa da dança nacional...

Já na crônica *Maracatu do Chico – Rei* (14 de novembro de 1934), Mário de Andrade escreveu sobre sua viagem ao Rio de Janeiro para assistir o concerto do

compositor Francisco Mignone realizou. Das obras desse compositor, *Maracatu do Chico – Rei* é a que mais impressionou Mário de Andrade (1993, p.258),

Esta última obra é a que mais me interessava particularmente por várias razões. Não apenas eu dera o argumento do bailado, me inspirando na história mineira, como por que nele o compositor se dedicara essencialmente à conformação em música erudita dos elementos afro – brasileiros da nossa música racial.

*Maracatu do Chico – Rei* é um bailado que agradou Mário de Andrade, pois foi inspirado nas músicas negras e, na opinião do autor, é a música “carro – chefe” de Francisco Mignone. Para Andrade (1993, p.258) “A orquestra dele soa, em equilíbrio e gostosura de combinações, como nenhuma outra orquestra de brasileiro.” O autor mostra-se um grande admirador de Francisco Mignone que, segundo ele, é “muito estudioso e culto na sua arte.”

Mário de Andrade (1993, p.258) se revelou conhecedor da obra de Francisco Mignone escrevendo que

Uma feita apontei como um dos dramas da personalidade de Francisco Mignone o seu pendor pro teatro, pra música dramática, coisa que ele aos poucos teve que restringir pra se adaptar às circunstâncias da sua vida e da nossa terra. Esse pendor para a música dramática, que aliás o compositor nega, ainda seria facilmente encontrável nestas obras mais recentes dele.

Na crônica *Kitty Bodenheim* (2 de fevereiro de 1935), Mário de Andrade dissertou sobre a dançarina Kitty Bodenheim que costuma misturar, em suas apresentações as músicas eruditas com o bailado tipicamente negro configurando uma *dança ritual*, sobre o caráter ritualístico da dança, Andrade (1993, p.277) escreve que “Para rezar, dançam, para caçar, dançam, para guerrear, dançam. Não me refiro ao amor, porque este foi sempre a dança sobre os abismos em qualquer raça e civilização”.

Ainda sobre essa manifestação, Mário de Andrade (1993, p.277) colocou que “[...] a dança me parece principalmente uma sabedoria por isso dela converter em gratuidade artística o próprio movimento do ser, aquilo de que o ser mais se utiliza na sua vida interessada.”

Em *Música Pernambucana* (21 de março de 1935) o autor escreveu sobre o *Maracatu*, ritmo musical oriundo do Pernambuco, inspirado, também pelas músicas africanas. Mário de Andrade criticou o teatro escolhido para a realização do concerto reiterando que (1993, p.286) “O local era péssimo como acústica para uma audição

deste gênero, mas a graça, a alegria, a musicalidade natural destes rapazes vence tudo. E foi uma gostosura.” Embora o autor não gostasse do teatro escolhido, Mário de Andrade deixa claro que o talento dos músicos supera a acústica ruim do local, demonstrando, dessa forma, o conhecimento do autor sobre a técnica e os preceitos musicais. Ainda sobre a questão da acústica do teatro, Mário de Andrade (1993, p.286)

Como sonoridade, as condições acústicas da sala não permitiram aquilatar com exatidão todo o partido que o Jazz-Band Acadêmico tira do seu instrumental, mas ainda assim, a vivacidade, os movimentos de claro – escuro, a dosagem dos planos sonoros, principalmente nas peças com voz, o aproveitamento gozado das estridências, me pareceram muito bons e certamente do mais espontâneo bom humor.

Ao analisarmos essas crônicas percebemos a preocupação do cronista Mário de Andrade com o estudo e a divulgação da música afro-brasileira, revelando os ideais nacionalistas do autor, no sentido da valorização das músicas tipicamente brasileiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término desta pesquisa e a realização deste relatório observamos a importância de Mário de Andrade para a construção da moderna cultura brasileira. Em sua vida e obra, Mário revelou sua preocupação e amor pela arte brasileira, sua obra registra a *militância intelectual* do autor sempre em busca de novos desafios com objetivo de tornar a cultura brasileira mais nacional. É notável a admiração do autor pela música popular brasileira, sobretudo a música afro-brasileira e a preocupação com o estudo e divulgação dessa manifestação artística.

Esta pesquisa foi apresentada no III Simpósio das Ciências Sociais na UFG/ Catalão, na e na Semana de Letras na UEG/ Pires do Rio, e é o 3º capítulo de nosso Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Será o Benedito! – Mário de Andrade e a arte brasileira nas crônicas no “Estado de São Paulo” e “Diário de São Paulo” (1933 – 1941)* essas apresentações foram muito importantes para a conclusão deste trabalho devido às grandes contribuições dos ouvintes. Essa pesquisa será parte integrante de nosso projeto de mestrado apresentado à UFU (Universidade Federal de Uberlândia) em agosto de 2011 e enviado em forma de artigo para a apreciação do conselho Editorial da Revista Mediação da UEG/ Pires do Rio. A realização desta pesquisa de iniciação

científica foi de extrema importância para nossa vida acadêmica, pois trouxe - nos uma vasta experiência enquanto pesquisadora e possibilitou-nos uma maior compreensão do trabalho de Mário de Andrade enquanto um cuidador da cultura popular brasileira. Em julho de 2011 iremos à São Paulo para visita à Coleção Mário de Andrade na USP o que possibilitará uma maior compreensão à cerca do pensamento Andradeano, o que será de grande valia para as próximas pesquisas.

Esta pesquisa nos possibilitou compreender o papel de Mário de Andrade para a formação da identidade cultural brasileira e como suas impressões contidas nas crônicas refletem os preceitos estéticos modernistas e suas compreensões e reflexões à cerca da música negra refletem o interesse do autor com a valorização do nacional. Essa pesquisa nos possibilitou, sobretudo, o “ponta pé inicial” para realização de demais estudos sobre o tema.

## **FONTE**

ANDRADE, Mário de. *Música e Jornalismo*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1993.

## **REFERENCIAS**

ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Vila Rica; Brasília: INL, 1972.

ÁVILA, Affonso, *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 3ª ed. 2007.

BOLLOS, Liliana. “Mário de Andrade e a formação da crítica musical brasileira na imprensa”. *Música Hodie*, vol.6, n.2, 2006, p.119-132.

BURNETT, Henry. “Adorno e Mário de Andrade: duas visões da criação pela música.”. *Viso: cadernos de estética aplicada*. Revista eletrônica de estética, nº08, jan/jun 2010, n.p. Disponível em: [w.revistaviso.com.br](http://w.revistaviso.com.br) – acesso em 10 de abril de 2011.

CASTAGNA, Paulo. “De volta ao jornalismo musical”. In. ANDRADE, Mário. *Música e Jornalismo*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1993.

CAVALCANTE, Emílio Francisco. *Mário de Andrade, o cronista: arte e política no diário nacional*. Catalão – GO: Universidade Federal de Goiás/ Campus Catalão, 2009. Monografia de conclusão de curso.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. “Cultura popular e sensibilidade romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 19. n.54. São Paulo, fev/2004, pp.57 – 79.

CHAGAS, Mário. “O pai de Macunaíma e o patrimônio espiritual”. In. ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, pp. 95 – 120.

CONTIER, Arnaldo Daraya. “O nacional na música erudita brasileira: Mário de Andrade e a questão da identidade cultural”. *ArtCultura*, nº 9, 2004, pp. 66 - 79

LIMA, Luiz Costa. *História, Ficção, Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. “A Narrativa na escrita da História e da Ficção”. In: *A Aguarrás do Tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LOPEZ, Telê Ancona. *Mariodeandradeando*. São Paulo: Hucitec, 1996.

LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In. PINSKY, Carla. *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2ª ed, 2006.

RÉGIS, Sônia. *A funcionalidade da arte no pensamento de Mário de Andrade*. Disponível em: [w.pensatrix.com.br](http://w.pensatrix.com.br) acesso em 01/05/2011.

SANTOS, Regma Maria dos. *Memórias de um plumitivo: Impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycidio Paes*. Uberlândia: Aspectus/ Funape, 2005.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. *Crônica Jornalística: um espelho para a história do cotidiano?* Disponível em: [w.fag.edu.br/adverbio/v5/artigos](http://w.fag.edu.br/adverbio/v5/artigos) acesso em 01/05/2011

SERPA, Élio. “Congresso da Língua Nacional Cantada de 1937: a insensatez maravilhosa da militarização das vogais. *Nacionalismo Raça e Língua*”. *Diálogos Latinoamericanos*, nº 03. Universidad de Aarhus, 2001, pp. 71 – 86.

TONI, Flávia Camargo. *A Missão de pesquisas folclóricas*. São Paulo: Centro de Cultura de São Paulo, n.d.

\_\_\_\_\_. *A música popular brasileira na Vitrola de Mário de Andrade*. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. “Apresentação”. In. TONI, Flávia Camargo. *A música popular brasileira na Vitrola de Mário de Andrade*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2004, pp. 09–23.